

EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E HISTÓRIA: O MUSEU DO HOLOCAUSTO COMO UMA “LUZ SOBRE O CAOS”

Área Temática: Educação

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

VENTURINI, M.C.¹; TEIXEIRA, M.C.²; LERMEN, N. H.S.³; ALMEIDA, M. J.⁴;
PEREIRA, C. E.⁵; PRADO, P.R.⁶; ZEVIERZECOSKI, J.⁷

RESUMO

O projeto “Educação, Memória e História: o Museu do Holocausto como uma “luz sobre o caos” foi aprovado e financiado pela Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI-PR) por meio do Edital “Universidade sem Fronteiras” (USF). Esse projeto de extensão teve como fio condutor a história e a memória pelo viés discursivo, problematizadas na proposta que recobre o Museu do Holocausto de Curitiba. O público-alvo, num primeiro momento, foram os professores da rede estadual de ensino, a partir de uma parceria entre a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), o Museu do Holocausto de Curitiba e o Núcleo Regional de Educação (NRE) de Guarapuava (PR), envolvendo docentes de diferentes municípios atendidos pelo NRE, com os quais foram discutidas as questões referentes ao museu, à história e à memória do Holocausto. Objetivou-se compreender tal instituição como lugar de memória e de saberes ligados ao que se fez e continua a fazer sob a formação social, com vistas a desenvolver a consciência cidadã pela discussão do valor dos espaços públicos e da história que constitui os sujeitos. Após a finalização da primeira etapa, o foco do projeto recaiu sobre os discentes das escolas que compõem o NRE, com a oferta de uma exposição itinerante, sediada na UNICENTRO, envolvendo as “faces” de Auschwitz e a história da escravidão no Brasil. Este projeto fomentou uma série de atividades com diferentes materialidades discursivas com o objetivo de colaborar com o projeto educacional do museu, ao reforçar a inclusão e a valorização dos sujeitos.

Palavra-chave: Museu do Holocausto de Curitiba; Memória; História.

¹ Maria Cleci Venturini, coordenadora-geral do projeto (SETI-USF).

² Maria Cláudia Teixeira, orientadora do projeto (SETI-USF).

³ Nathan Lermen, mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina., bolsista recém-formado.

⁴ Maria Juliane de Almeida, graduanda em Arte pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, bolsista de graduação.

⁵ Clara Emanuelle Pereira, graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, bolsista de graduação.

⁶ Paulo Ricardo do Prado, graduando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste., bolsista de graduação

⁷ Josiele Zevierzecoski, graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, bolsista de graduação e atualmente, mestranda em Letras.

1 INTRODUÇÃO

Grandes tragédias e massacres contra minorias (judeus, deficientes, muçulmanos, negros, homossexuais e ciganos) aconteceram no Holocausto. No entanto, segundo os idealizadores do Museu do Holocausto de Curitiba, não foram somente os alemães que realizaram o massacre e protagonizaram a tragédia que matou seis milhões de pessoas, mas também, os vinte milhões de pessoas que silenciaram, deixando que homens, mulheres e crianças fossem mortos. O Museu do Holocausto de Curitiba, coordenado por Carlos Reiss, objetiva “transmitir o Holocausto às próximas gerações” a partir de três eixos: memória, educação, pesquisa. Isso significa não tratar o museu como um lugar que ‘guarda’ memórias, mas como um lugar de pesquisa e que pela educação busca lançar uma “luz sobre o caos”, a partir de uma concepção teórica consciente e embasada que constrói a memória da Shoá. Reiss (2018, p. 15) destaca a necessidade de “compreender o caminho percorrido pela memória da Shoá”, visualizando como o genocídio será lembrado pelas gerações futuras. Essa visualização, de acordo com o autor, vai permitir ajustar essa memória fazendo correções de rota necessárias “para que a memória do Holocausto seja construída de forma mais consciente e justa possível para com todos os descendentes, sobreviventes e comunidades de seres humanos”. Os idealizadores do projeto veem a necessidade de que a memória da Shoá seja mais racional e menos instintiva e faça justiça ao legado deixado pelos descendentes.

Este projeto se propôs a realizar uma parceria entre a UNICENTRO, Núcleo Regional de Educação (Guarapuava) e o Museu do Holocausto, com vistas a colaborar com o projeto educacional do museu, sinalizando que as grandes tragédias têm origem na desigualdade e na indiferença que provoca a exclusão e muitas vezes a morte de seres humanos, através de atividades que incluem diferentes materialidades discursivas, tais como: obras literárias, filmes, documentários e textos teóricos, vídeos diversos, conferências e exposições que deram visibilidade às minorias, reforçando a inclusão e a valorização dos sujeitos, questionando as práticas sociais que excluem e diferenciam os sujeitos. O objetivo maior do projeto foi conscientizar os professores da necessidade de trabalho junto aos alunos para promoção do bem-estar e da inclusão.

2 METODOLOGIA

O foco de nossas discussões são os museus como lugares de memória, com destaque para o Museu do Holocausto de Curitiba, e os estudos do discurso, mais precisamente, a língua na história fazendo sentido. Pela posição teórica da Análise de Discurso pecheuxiana, conforme praticada no Brasil a partir dos estudos desenvolvidos por Orlandi e outros pesquisadores filiados a essa linha, na qual esse projeto se inscreve, o museu é tomado como lugar de memória, pois possibilita o não esquecimento, aproximando o sujeito da memória histórica e coletiva, não somente com o passado, mas com o futuro, pelo desejo de não esquecer. Segundo Venturini (2009, p. 71), o lugar de memória “[...] pode ser definido como um depósito de arquivos, que aparentemente guardam vestígios históricos de memórias que não existem mais e que, por isso, necessitam de um lugar para lembrá-los”. A metodologia que embasa a Análise de Discurso, campo disciplinar em que se insere este projeto, não trabalha com produtos, mas com efeitos de sentidos, perguntando pelos processos discursivos dos quais resultam determinados efeitos de sentidos e não outros. O seu foco é o discurso, conforme Orlandi (2002) o homem falando, a língua em curso. Importa, portanto, a língua na história, considerando, conforme Milner (1987), o ‘real da língua’ e, a partir de Gadet e Pêcheux (2004), o ‘real da história’. Nesse sentido, o projeto se organizou em três etapas: 1) teórica com a realização de encontros para discussão bibliográfica; 2) parte teórico-prática constituída pela visita e pesquisa em torno dos espaços museológicos; 3) disseminação do projeto a partir da apresentação de filmes, documentários, eventos científicos com a presença da equipe executora e de pesquisadores de renome, além da oferta de uma exposição itinerante, oriunda do Museu do Holocausto de Curitiba, sediada na Universidade Estadual do Centro-Oeste.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades do projeto foram planejadas com o foco na transmissibilidade do ensino sobre o Holocausto. Nossas atividades foram realizadas de maneira presencial e remota com conferências de pesquisadores oriundos de diferentes instituições brasileiras, como a FIOCRUZ, a UPE e o Museu do Holocausto. Em parceria com este último, ofertamos duas

exposições itinerantes para o *campus* Santa Cruz da UNICENTRO: a “*Faces of Auschwitz e a Escravidão no Brasil*”. As exposições eram compostas por fotografias de prisioneiros de Auschwitz e escravizados brasileiros, colorizadas pela artista Marina Amaral.

Trazer essas exposições foi uma forma de aproximarmos as escolas, a comunidade acadêmica e a comunidade em geral das questões referentes aos genocídios na história e a conscientização sobre os perigos da discriminação, intolerância e discursos de ódio. Aproveitamos a oportunidade, para exibição do testemunho de Nanette Blitz Konig, sobrevivente do Holocausto que migrou ao Brasil após a guerra. Conforme Carlos Reiss (2018, p. 201), não importa o quão bem documentado um evento histórico seja: existe ainda uma natureza impessoal às formas tradicionais de transmiti-lo às novas gerações, são os testemunhos que possibilitam a retirada de lições éticas e úteis sobre os acontecimentos. As visitas permaneceram abertas ao público durante todo o mês de julho de 2022 e contaram com a presença de mais de 1350 alunos oriundos das escolas da região de Guarapuava.

Texto-imagem 01 - Cartaz da Exposição

EXPOSIÇÃO

FACES OF AUSCHWITZ E ESCRAVIDÃO NO BRASIL

A partir de 29 de junho,
em Guarapuava
Rua Padre Salvatore Renna, 875,
no Salão Cultural

Horários de visitaçã
De segunda a sexta-feira,
Pela manhã, das 8h às 12h.
À tarde, das 13h30 às 20h.

MUSEU do
Holocausto
CURITIBA | BR

EDUCAÇÃO,
MEMÓRIA
E HISTÓRIA

PPCL

PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS

UNICENTRO
PARANÁ

PARANÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ

Texto-imagem 02 - Alunos na Exposição



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto atendeu aos objetivos propostos, uma vez que a parceria entre a universidade, as escolas e o Museu do Holocausto ocorreu com minicursos, palestras, filmes e documentários que foram ofertados aos professores da rede de ensino e, também, com a exposição que iniciou no dia 29 de junho e encerrou em 29 de julho. As conferências com pesquisadores convidados possibilitaram que se colocasse em suspenso o ensino do Holocausto no ambiente escolar, oportunizando aos professores envolvidos um olhar sensível sobre as histórias particulares, encaminhando-as para os sentidos e práticas sociais. Além disso, as visitas guiadas às exposições permitiram uma proximidade entre os integrantes do projeto e os alunos de nível fundamental e médio oriundos de escolas estaduais e particulares da região de Guarapuava.

REFERÊNCIAS

GADET, Françoise, PECHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da Linguística. Campinas, SP: Pontes Editora, 2004.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1987.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

REISS, Carlos. **Luz sobre o caos**: educação e memória do holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. 1. ed. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2009.